

HISTÓRIA DE VALDEMAR DAAS E DE SUAS FILHAS
 NA RUA



1.º *Policia.* — Querem ver que o estafermo do inglez está morto !

2.º *Policia.* — Isso está elle ! Ora espera. — *Ai sé, uaine, vinho ?* Queres ?
 O inglez, que parecia morto, ergueu logo a cabeça, e sentou-se no chão.

2.º *Policia.* — Que te dizia eu?... É um catita ! Quem sahe aos seus não degenera !

HISTORIA DE VALDEMAR DAAE E DE SUAS FILHAS

CONTO DE ANDERSEN

(Conclusão)

Coberto de cinzas, Valdemar exclamou, elevando bem alto o seu thesouro, que scintillava aos raios do sol nascente:

— Victoria! Achei o ouro, descobri o maravilhoso segredo! Ouro, ouro!

E a mão do alchymista tremia tanto que deixou cair o recipiente de vidro, que no chão se fez em mil pedaços.

A esperança suprema esvaheu-se como a bola de sabão.

Dzd, dzd, vôar, vôar! assoviei então, e deixei o palácio do alchymista.

Pelos fins do anno, quando a neve cobria os ramos nus de brilhantes perolas, rompi eu mais uma vez nos meus impetos, limpando o céu, quebrando os ramos velhos, facil tarefa, mas que nunca se dá concluida.

No palacio de Borreby, no palacio de Valdemar Daae, alguém entrava tambem para limpar e quebrar, mas d'outra maneira. O seu inimigo mais encarnicado, o velho Ove Ramul, comprara todas as dividas, e vinha fazer a penhora de tudo. Penetrei no palacio assoviando, bramindo com aterradora violencia. Não sei bem porque, mas estava resolvido a metter medo deveras áquelle homem frio e sem compaixão.

As tres donzellas soluçavam. Ove Ramul, como que em sarcasmo, offereceu ao velho fidalgo de permanecer no palacio até acabar os dias de vida; mas esta offerta foi recusada com altivez. Eu vi então o fidalgo, outr'ora tão rico e poderoso, deixar o seu solar, um sacco ás costas, um bordão na mão, acompanhado pelas tres filhas.

No sacco levava ainda, o louco, a retorta quebrada e as parcelas da materia alchymica.

Foram todos quatro a pé seguindo a estrada que d'antes tantas vezes percorreram em caruagem puxada a tres parelhas. Chegaram a Smidstrup. Alli escolheram uma pobre casa caiada, que se alugava por modica quantia; ahi fixaram a sua residencia. Quando entraram, um bando de pégas se levantou do telhado, remoinhando e em grande borborinho, como em caçoadá aos desgraçados viajantes, como estes, em tempos passados, haviam sorriso das aves da floresta de Borreby, quando cahiam as arvores seculares.

Valdemar Daae e suas filhas ouviram o borborinho; eu, porém, comeci a assoviar para que os ouvidos das pobres meninas lhe não prestassem attenção.

Deixei-os installados na pobre casa de Smidstrup, abatidos pela miseria, cheios de desconsolo, e eu saltei pelos campos, pelas florestas, pelas ribeiras, para ir ver outras regiões, para ir lutar com as vagas do mar.

Hu, hum, dzd, dzd, vôa, vôa!...

Quereis que vos conte de como acabaram Valdemar Daae e as tres formosas filhas?

Escutae mais uns instantes.

Lá para cima, no meio de interminaveis planuras junto de Viborg, ha uma casa singular, antiga, vasta, de enorme telhado, de chaminés lavradas, com seu mirante de ameias; é a casa do bispo.

Das chaminés sahe o fumo em azuladas, caprichosas espiraes.

A esposa do prelado e as suas duas filhas mimosas estavam assentadas n'um caramanchão do jardim, e os seus olhares, que vagueavam pela planura pardacenta, detiveram-se simultaneamente no mesmo ponto.

Uma pobre, miseravel habitação! Eu, quando passava por alli, nem ousava assoprar, receiando derrubá-la. Se uma cegonha não tivesse, havia muitos annos, tecido alli o seu ninho, de certo teriam já derrubado o miseravel telhado. Mas o bispo prohibia que mexessem no ninho da cegonha, e consentiu que no pobre casebre morasse uma velhinha, sem recursos e abandonada de toda a gente. Ora quereis saber quem era esta pobresinha? era Anna Dorothea, o pallido jacintho, a ultima representante da familia de Valdemar Daae. Mais delicada que suas irmãs, e talvez por isso mesmo, resistira ella mais tempo ás privações. O que não é motivo de parabens. Mais de meio seculo passara sobre a misera depois da ruina de sua casa, e agora, curvada e enrugada, devia o ultimo asylo á bondade d'um estranho e á intervenção d'uma cegonha. Talvez, quem sabe? esta cegonha descendesse d'aquella cujo ninho, na floresta de Borreby, Anna havia salvado.

Fosse como fosse, a pobresinha morava ahi. Muitas vezes conversava em voz alta, como acontece a todos que não têm a quem narrar as suas maguas. Por isto soube eu mais alguma cousa dos acontecimentos de sua familia.

— Sim, murmurava ella n'um suspiro, os sinos ficaram mudos na passagem da tumba de Valdemar Daae; nenhum côro de sacerdotes rezou as ultimas preces; assim terminou aquella miseria. E quando penso na minha pobre irmã Ida, que se viu obrigada a casar com um camponez!... Foi o ultimo golpe na altiva alma de meu pae. Ser esposa d'um servo de gleba, obrigada a trabalhar constantemente em proveito do seu senhor! Ha muito já que a morte a livrou de tal humilhação. Resto eu, tão triste e abandonada! Quando serei, Deus meu! para sempre liberta d'esta vida de desgraça!

Assim murmurava o pallido jacintho d'outr'ora no casebre fendido e sósinho.

De Joanna, a mais ousada das tres, não precisava eu ouvir a historia singular. Depois da

morte do pae vestiu fatos de homem e entrou como grumete a bordo d'um navio.

Era de genio altivo e agreste, avara de palavras e prompta sempre para os trabalhos; tinha apenas um defeito, não sabia trepar lesta, e segurava-se bem no tempo de vendaval; e n'um dia de tempestade resolvei-me a acabar com tanta desgraça, e soprando mais rijo, obriguei-a a perder o equilibrio, precipitei-a no mar. Ninguem a bordo suspeitava que estava alli, nos rudes fatos de grumete, uma mulher nascida na opulencia; a ninguém foi jámais revelado o extravagante segredo; e assim, creio eu, sempre lhe fui d'alguma utilidade.

Dzd, dzl! vòa, vòa!

Era dia de Paschoa; havia muito que em igual dia Valdemar Daae descobrira a pedra philosophal.

Ouvi sob o ninho da cegonha, d'entre as paredes fendidas, uma voz traca cantando um psalmo: era o ultimo cantar de Anna Dorothea.

Nas janellas não havia vidraças, o sol entrava á vontade, espalhando os seus raios de ouro. Intenso esplendor! os olhos mortiços da moribunda não poderam supportar-o; inclinou um pouco o rosto, o olhar permaneceu fito, a bocca abriu-se n'um sorriso, o coração parou.

Chegara a hora da sua liberdade, e alma voara n'aquelle feixe de sol. Só eu psalmeiei no tumulto da pobre Anna Dorothea, como acontecera já, havia tempos, com o pae; ninguém, excepto eu, sabe ao certo onde elles dormem no eterno repouso.

Voltou a estação dos frios e a cegonha voou para longe com os filhos já crescidos e robustos.

O bispo de Viborg consentiu então no arrasamento do casebre. A esposa e as filhas eram muito humanas para folgarem com a morte da pobre velha, comtudo não gostavam de encontrar sempre ante os olhos aquelle objecto desagradavel, quando, á tarde, assentadas no caramanchão do jardim, contemplavam a campina esmaltada de flores.

Emfim, tempos novos, cousas novas; abandonam-se as estradas velhas, sobre o sitio das casas de nossos paes passam ruidosos os comboys das vias ferreas: desaparecem os tumulões, esvaem-se da memoria os nomes; tudo se esquece... Dzt, dzl, vòa, vòa!

Tal é a historia de Valdemar Daae e de suas filhas, contada pelo vento; se quizerem, sem grande trabalho, podem contal-a melhor; vede, porém, se n'alguma cousa vos pôde aproveitar.

GABRIEL PEREIRA.

O SONHO DO RACHADOR DE LENHA



aptista, pobre rachador de lenha, andava na floresta no seu rude trabalho, e tratava de derrubar um velho carvalho nodoso. O homem lastimava-se de tanta canceira, e cada machadada era acompanhada por um suspiro.

— Que vida, que triste vida! — exclamava elle. — Bem caro custa aos pobres o pedaço de pão que comem! Ah! se eu fosse rico!

Ao acabar estas palavras, appareceu-lhe como por encanto um mancebo de loiros e anelados cabellos, e cujo vestuario parecia de prata.

— Quero servir-te, bom homem — disse-lhe elle. — Pede o que mais desejares; verás satisfeito o teu desejo.

O camponez ficou como que assombrado; mas serenando um pouco, tratou logo de fazer a sua escolha. Inclinando-se ligeiramente com respeito, disse:

— Encantador mancebo: visto que me fazeis um offerecimento tão generoso, peço-vos que empregueis o vosso poder para, no futuro, tudo em que eu tocar se transforme em ouro.

O desconhecido tocou ao de leve no rachador com a sua varinha de condão, e disse-lhe sorrindo:

— Desejaria que fosse outra a tua escolha; em todo caso, concedo-te o que me pedes.

— Louvado seja Deus! — exclamou o camponez — agora sou muito rico!...

E immediatamente quiz experimentar se era certo o seu poder.

Apenas agarrou um dos ramos do carvalho, o tronco e as folhas transformaram-se em ouro.

— Milagre! milagre!... — exclamou o louco.

— Que felicidade! Vou já para casa; venha quem quizer rachar lenha! Agora só quero gozar, comer os melhores petiscos, saborear os vinhos mais generosos! Este bocado de pão de rala será o ultimo que levarei á bocca, assim como este resto de agua.

E pegou na sua bilha de barro... Mas... que é isto? está tão pesada! E a agua brilha... Ah! é que, bilha e agua, transformaram-se em ouro!...

O rachador quiz dar uma dentada no pão: impossivel! quasi que fica com os dentes partidos, porque o pão soffreu a mesma metamorphose.

— Ai! que desgraça! — exclamou então o pobre homem. — Que será de mim, não podendo comer e beber senão ouro!... Mil vezes agua pura e pão secco!... Ahi está o resultado da ambição das riquezas! O que eu julgava a suprema felicidade, é a morte!...

O misero rachador de lenha começou a soltar gritos de afflicção e desespero... e acordou, porque, felizmente para elle, era tudo um sonho.

— Bemdito seja Deus! exclamou alegremente.

— Tenho o pão quotidiano, em vez do ouro que tanto desejava! Oh! este sonho servir-me-ha de lição. Bem faz Deus em não conceder logo tudo que lhe pedem! Ha tantos loucos como eu!...

Aproveitemos a lição, meus amiguinhos: façamos antes o que o pobre rachador fez depois: reflexionemos antes de formular um desejo, e contentemo-nos com a nossa sorte, que é a verdadeira felicidade.



VERSOS AO JULIO

O FIDALGO E A ALDEÃ

Jorge é um pobre patêta
De modos parlapatões;
Mas descende em linha recta
Da nobresa alta e selecta
Dos mais illustres varões.

O dinheiro não lhe falta
E o pesar não o amofina;
Faz riso vêr o paralta
Quando vae de bota alta
E o chapêu á çamparina...

Calça luvas do Baron,
Traja vestidos da moda,
Usa tudo que ha de bom
De mais chic e melhor tom
Nos centros da fina roda.

Exigente e malcreado
Quer sempre bonitos novos,
Tem o gosto depravado
E até se mostra enjoado
Quando lhe dão trouxas d'ovos!

Sempre sem freio nem braga,
O capote ás velhas puxa,
Por gosto as coisas estraga,
E' um demonio, uma praga,
Quem o vê, vê uma bruxa...

Porem descende, diz elle,
Do grão D. Fuas Roupinho;
Tem sangue azul entre a pelle,
Nem ha pó que lhe amarelle
O cebento pregaminho!...

Maria, pelo contrario,
Não tem ascendencia nobre
Nem braço nobiliario;
Tem o labor, o fadario,
Que é a nobresa do pobre.

Como ás vezes me consterna
Vel-a sem fatos tafues,
Descalça de pé e perna,
A olhar-me innocente e terna
Co'os seus dois olhos azues...

Não poder a pequenita
Ter tudo que lhe appetiteça...
Inda assim, como é bonita
Co' o seu vestido de chita
E o seu lenço na cabeça...

Um dia de madrugada,
Seguindo o atalho da asenha,
A caminhar apressada,
Ia a pequena ajojada
Levando um molho de lenha.

N'isto, p'lo mesmo caminho,
Em sentido inverso, passa
O orgulhoso fidalguinho
De espingarda e polvorinho,
Rêde e chumbeiro de caça.

— Olá! brada-lhe arrogante
Parando junto da balsa
O fidalgote farfante;
Quem é esta mendicante
Tão suja, rota e descalça?...

— Trazendo os pés n'um cilicio,
Deves poupar muito as solas...
Magôa-te o sacrificio?
Então... são ossos do officio
De quem só vive de esmolas...

— De esmolas?! volve a Maricás,
A que o julgasses dei aso?...
Tu, que sem dó me escarnicas,
Tens centos de coisas ricas,
Mas cubicei-t'as acaso?...

— Em sedas não me amortalho,
Não ando á caça tambem;
Nada posso e nada valho,
Mas vivo do meu trabalho,
Não peço nada a ninguém!

— Sabes que mais?... Vae caçar...
Mas escuta esta lição:
Eu vivo de labutar,
Quem vive sem trabalhar
É que é mendigo... ou ladrão.

D. MARIA DO Ó.

DIALOGOS INSTRUCTIVOS

OS DEFENSORES DA AGRICULTURA

Pulando de contente, Jacques trouxe em triumpho um ninho de pintasilgos, que encontrara no valado, e foi offerce-lo á sua manasinha Magdalena. A pequenita aceitou o presente, trasbordando de alegria, e quiz logo dar de comer aos cinco passarinhos que estavam dentro do ninho.

Mas n'esta occasião acertou de passar por alli o respeitavel doutor André, medico da terra, o beneficor dos pobres, o amigo das creanças.

Acercou-se de Jacques e de Magdalena, deu-lhes meigamente uma palmadinha nas rozadas faces, offerceu-lhes algumas amendoas, que trazia sempre no bolso para alegrar as creanças, e depois perguntou-lhes o que estavam fazendo.

A pequenita Magdalena, orgulhosa com o seu presente, deixou cahir a dobra do avental, e pateanteou ao bom doutor o ninho de pintasilgos.

O medico abanou a cabeça com ar descontente e disse:

— Se algum malfeitor viesse roubar-lhes do berço a sua manasinha Martha, que vossês amam tanto, ficariam satisfeitos?

Os dois manos olharam um para o outro e baixaram os olhos.

— Nós não queremos fazer mal a estes passarinhos; — murmurou Magdalena — o nosso desejo é creal-os e dar-lhes tudo de que elles gostem.

— Ora digam-me: se um estranho, com o mesmo pretexto, os arrebatasse aos carinhos de sua mamã, vossês gostavam?

— Dá-me já o ninho, Magdalena — disse rapidamente Jacques — quero ir pô-lo outra vez no valado.

— Ah! agora é tarde, meus amiguinhos; o papá e a mamã d'essas pobres avesinhas, não as tendo encontrado, voaram e não voltam de certo. Esses innocentes estarão mortos antes da noite.

Magdalena desatou a chorar, e Jacques, apeser do que dissera o medico, foi collocar no valado o ninho com os passarinhos.

Durante esta scena, muitos outros rapazinhos da aldeia haviam-se aproximado para fallarem ao bondoso doutor, e tambem para ouvirem o que elle dizia.

O medico, vendo-se rodeado de tão curiosos

auditorio, sentou-se no tronco d'uma arvore e pronunciou estas palavras:

— Na sua edade, rapazinhos, não se sabe quasi nada, e pecca-se geralmente por ignorancia. Saibam, pois, que, destruir os ninhos, é como que lançar ao rio os vossos brinquedos; eu já lhes provo a verdade do que digo.

Os passaros são os nossos amigos mais uteis e agradaveis. Nós que vivemos no campo, temos

tudo o interesse em conserval-os, porque nos alegam o coração com os seus cantos melodiosos e variados.

Enviando-nos estes gentis cantores, Deus não quiz somente povoar os vergeis de hospedes elegantes e dar-nos artistas que nos recreassem: quiz tambem proporcionar-nos vigilantes protectores. Protectores, sim, não se riam, rapazinhos. Não sabiam talvez que eram protegidos por essas debéis creaturinhas?

pois fiquem sabendo. Quem é que come e destroe os bichinhos e insectos de tantas qualidades que devoram as flores e os fructos? os pobres passarinhos. E para os bichos maiores, como os gafanhotos, as cobras, as vitoras, etc., ha um

passarolo maior, as cegonhas, que lhes fazem uma guerra de morte.

Os insectos são aos milhares. Encontram-se em toda a parte: no ar, na agua, na terra, em qualquer materia animal ou vegetal, em todas as plantas, principalmente nas arvoredos, em toda a parte, repito, menos nos mineras.

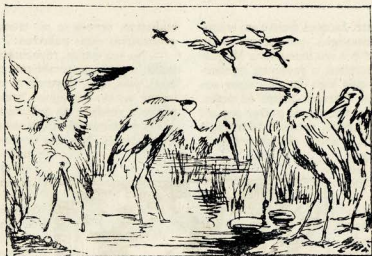
Estes insectos são em geral muito pequeninos, e só se podem ver com auxilio de vidros de augmentar. Como podem voar, arrastar-se, saltar, nadar, e, por serem muito pequeninos, microscopicos, lhes é facil introduzirem-se pelas mais estreitas aberturas, resulta que nem muros, nem fechaduras, nem guardas podem evitar a invasão de taes bichinhos.

Ha muitas qualidades de insectos que vivem em familia, e ás vezes em tão consideravel numero, que destroem em poucas horas as plantações de vinte leguas em roda. Isto succede principalmente nos paizes quentes, quando são assaltados pela praga de gafanhotos. Ainda não ha



muitos annos que a Estremadura hespanhola foi atacada por milhares e milhares de gafanhotos, que tambem entraram em Portugal, e, para os destruir, foi necessario enviar os soldados a dar-

medico — as lagartas apparecem em tal quantidade, que chegam quasi a destruir as plantas. Ha annos appareceu um novo insecto, chamado *phylloxera*, que tem quasi devastado as vinhas



lhes caça, enterrando-os ou queimando-os logo, para não se desenvolver alguma epidemia.

Os pequenitos que rodeavam o bom doutor mostraram-se espantados com a noticia de tanto gafanhoto.

— N'alguns annos — continuou o benevolente

francesas. Desgraçadamente, tambem invadiu Portugal, atacando com furia as vinhas do Douro. É uma verdadeira calamidade. A sciencia emprega todos os meios para destruir tão malfazejo insecto; porém, infelizmente, não descobriu ainda remedio efficaz.

(Continúa).

GIGI OU A DESCOBERTA D'UMA VOCAÇÃO

(Imitação)

POR MARIA RITA CHIAPPE CADET

I

Era no Porto em 1875. A tarde estava serena, tepida e agradável, tinha-me instalado na pequena varanda que dominava a estrada e do lado fronteiro um jardimzinho á ingleza, que dava accesso a uma casa de bella apparencia, habitada por um velho general reformado, vivendo em companhia de uma filha viuva e de um netinho de 8 annos, que era a luz dos seus olhos.

O jardim do meu visinho era fechado por uma grade, onde se entrelaçavam viçosas a hera e a baunilha e outras plantas trepadeiras que faziam um muro de verdura, interceptando a vista do interior do jardim aos que passavam na rua, porém eu, do meu primeiro andar, via perfeitamente o que se fazia em casa dos visinhos e, atenta a pouca distancia, ouvia distinctamente tudo o que diziam, principalmente o velho veterano, que não tinha ainda perdido os habitos do commando e fallava sempre n'um tom alto e sacudido, sobretudo com o neto e os criados.

D. Clara, a filha do general, estava assentada n'um soppá de ferro junto á entrada da porta da casa de jantar, o general passeava de um lado para outro fumando, enquanto o pequeno Jorge

ou Gigi, como todos lhe chamavam, montado n'um banco de madeira, fazia um chapéu armado de papel.

O general, segundo eu tinha tido occasião de observar, involuntariamente, não fallava de outra cousa senão da organização do exercito, do serviço militar, da defeza do territorio, e apesar da sua avançada idade, deixava transparecer certas fumaças de valentia e como uns restos de antiga bravura.

Todas estas conversas naturalmente influíam na cabecinha de Jorge, educado na solidão do lar domestico, entre o velho avô e a boa mãe, a quem a viuvez prematura desconsolara profundamente, e que estava sempre melancolica, desanuviando-se raras vezes o seu semblante pallido e mortificado.

O pequenito, em uma das vezes que no seu passeio o general passou ao pé d'elle, levantou a cabeça.

— Avôsinho, e se eu tambem organisasse um exercito para fazer guerra?

— Apoiado, disse sorrindo e parando o velho veterano, mas onde tens tu os soldados?

— Ora, soldados? Isso acho eu logo.
— Mas, ainda assim, é preciso ensinar-lhes a fazer exercício, armal-os, fardal-os, etc.

— É fácil, avôsinho, respondeu o pequeno com um tom de pleno convencimento.

— Bem, quando estiver feito podes entrar em campanha.

— Então, meu avô, vou procurar os soldados.

— Vá, sr. general Gigi, disse o velho fazendo alegremente a continência militar ao seu *collega* improvisado e acrescentando depois:

— É verdade, onde fazes o teu *quartel general*?

— O *ine!* *quartel general*?! murmurou Jorge, que não sabia lá muito bem o que isso queria dizer.

— O *quartel general*, replicou o avô, é o lugar escolhido para centro das operações militares, onde reside o general e o seu estado maior; o teu *quartel general* será pois a casa de jantar, eu quero vêr o que tu fazes.

— Sim, avôsinho.

Jorge atravessou a rua e achou depressa um primeiro recruta na pessoa do seu visinho Carlos, condiscipulo e amigo, um dos poucos admitidos em casa do general e que era filho da dona da casa onde eu estava hospedada.

Com papel doirado e de côres, depressa se fez o uniforme, e alguns minutos depois o novo soldado fazia sentinella á porta da casa de jantar, que fôra designada para *quartel general*.

Gigi, auxiliado pela mamã, arranjou como pôde o seu uniforme e tendo pressa de gosar dos privilégios da sua auctoridade, aproveitou a chegada da prima Bertha, uma sobrinha da mamã que viera passar a tarde em casa do avôsinho, e offerecendo o braço á pequenita, que olhava muito pasmada para as suas corréas de papel e a sua barretina, disse-lhe:

— Anda, vem cá, que vaes vêr uma cousa bonita.

E com ella pelo braço entrou pela porta da sala para vir sair pela da casa de jantar.

Immediatamente, Carlos, fiel á senha, apresentou as armas com grande admiracão e applauso de Bertha, que nunca recebera tamanha homenagem.

O *general* Gigi estava muito satisfeito com a regularidade do serviço, quando o soldado Carlos se lembrou de perguntar:

— Apresentei bem armas?

— Não se falla quando se está de sentinella, respondeu severamente o *general* Gigi; oitodias de calabouço.

(Continua).

JOGOS DE PRENDAS

A CARRIÇA

Não se pôde jogar a *Carricha* com menos de tres jogadores; nem com mais de sete ou oito.

A *Carricha* participa dos jogos de malha e de carreira, e joga-se da seguinte fórma:

Busca-se um pedregulho, cujo cimo seja bem liso, e traça-se distante d'elle, cousa de dez metros, uma risca para servir de meta.

Cada jogador previne-se com uma pedra, ou tijolo, a modo de malha.

Aquelle que a sorte designa, põe a sua malha em cima do pedregulho, e retira-se para o lado. É a *carricha*.

Disposto assim o jogo, cada jogador vae para a meta, e de lá atira a sua respectiva malha á *carricha*, buscando deital-a abaixo da pedra.

O dono da *carricha* deve primeiro levantar a e repôl-a no seu lugar, e em acto continuo correr sobre os jogadores, que, depois de haverem tambem levantado as suas malhas, fogem para o couro.

Já se vê que procuram ensejo favoravel para isso.

Acontece mesmo, porém não entra nas regras, que certos jogadores, para terem tempo de levantar a sua malha, prégam um empurrão na *carricha*, que forçosamente vae cahir sentado distante alguns passos.

Logo que o dono da *carricha* pôde repôl-a em cima da pedra e tocar qualquer dos jogadores que tenha tambem levantado já a sua antes de chegar ao couro, esse fica sendo *carricha*.

Acontecendo que tres ou quatro malhas fiquem sobrepostas, ou tão juntas que não possam ser levantadas, sem risco de serem os donos colhidos pelo da *carricha*, em tal caso devem resignar-se a esperar que outro parceiro, do couro, seja tão feliz que torne a deitar fóra a *carricha*: então, sem perda de tempo, cada qual levanta a sua malha e foga para o couro.

Dada a circumstancia, porém, que nenhum jogador queira arriscar-se a levantar a malha, e não haja no couro mais ninguem para jogar, confessam-se vencidos.

Então áquelle, cuja malha está mais proxima da *carricha* é que compete ficar *carricha*.

(Dos *Recreios Collegiaes*.)

O GALLO E A RAPOZA

Sobre alto tronco d'um sobreiro antigo
Fazia um velho gallo sentinella.
Uma rapoza diz-lhe: Irmão e amigo,
Venho trazer-te uma noticia bella.

Nas nossas dissensões lançou-se um traço
E acaba de assignar-se a paz geral;
Desce que eu quero dar-te estreito abraço
E juntamente o beijo fraternal.

Amiga, diz o gallo, folgo immenso;
Não podia esperar melhor delicia:
Vejo dois galgos a correr, e penso
Que são correios da feliz noticia.

Foge a raposa sem dar mais cavaco.
O gallo canta, alegre e consolado,
Pois é grande prazer ver um velhaco
Vir para buscar lá, e ir thoqueado.

J. I. D'ARAÚJO.

ALEGRIAS

Reuniram-se para jantar n'uma casa de pasto, um militar, um padre, um poeta, um usurario e um pintor, e á sobrezeza discorriam sobre o valor relativo de alguns homens eminentes.

O criado escutava-os em silencio.

— Proponho um brinde ao primeiro homem do mundo! — exclamou o militar — a Alexandre Magno!

— Protesto! — acudiu o poeta — o primeiro homem do mundo foi Byron!

— Não concordo, — atalhou o padre — o primeiro homem do universo foi Santo Ignacio de Loyola.

— Isso sim! — interveiu o usurario — o primeiro homem foi Matheus.

— Nem sabem o que dizem! — bramiu o pintor — o primeiro foi Miguel Angelo!

O criado disse então com os seus botões:

— O vinho fez-lhes mal. Nem sabem já que o primeiro homem do mundo foi o pae Adão!

A uns viajantes que visitaram ha tempo as catacumbas de Roma, apresentou o guia (cicerone) uma enorme caveira, como sendo a principal maravilha.

— A quem pertenceu essa caveira? — perguntou um dos visitantes.

— A S. Jeronymo — respondeu logo o guia.

— Mas vossê disse-me hontem que a caveira de S. Jeronymo era aquella! — acudiu um outro forasteiro, indicando uma caveira mais pequena.

— Sim, senhor — respondeu o cicerone — mas aquella era quando o santo era ainda menino.

Mandou D. João III ao conde de N... que fosse a Hespanha saudar da sua parte a Carlos V, seu cunhado, que chegara de Italia. O conde entrou por Castella com dezoito homens de cavallo, correndo á espora fita, e ao appear-se ouviu um hespanhol dizer com zombaria:

— Virá tomar Castella?

O conde voltou-se e respondeu logo:

— Se viesse tomar Castella, não trazia tantos portuguezes.

Um sugeito foi ao dentista para tirar um dente que lhe causara dôres horribes durante toda a noite.

— Estou ás suas ordens — disse o dentista.

— Mas olhe que me doe muito...

— É o mesmo; isto é um instante.

— Pois sim, mas primeiro tire um que esteja sã, a vêr se eu posso supportar a dôr.

O dentista fez-lhe a vontade. Ha cada um!

— Os seus filhinhos são tão tristes!

— É verdade, minha senhora; pois olhe que não é por falta de eu lhes bater para mudarem de genio!

HORAS ENTRETIDAS

72 — CHARADA NOVISSIMA

O fim da maldade não é todo — 2 — 1.

Baleal.

FANTOCHÉ

73 — CHARADA

É um jogo curioso — 1.

É branqueja como a neve — 1.

Pedra fina com certeza.

Diz, leitor, como se escreve?

Vizeu

BÉBÉ.

74 — CHARADA NOVISSIMA

O gallo tem um appellido claro — 2 — 2.

Baleal.

FANTOCHÉ

75 — CHARADA NOVISSIMA

No lagar e no navio este instrumento é um instrumento — 1 — 1 — 1.

Vizeu

TRAVASSO & C.^a

76 — CHARADA AUXILIAR

1 e pa — Vegetal.

2 e barão — Peixe.

3 e cão — Nas lojas.

TITERE.

77 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é a ave aquatica que tem nome de mulher?

Vizeu.

BÉBÉ.

78 — PERGUNTA INNOCENTE

Qual é o homem que tem
O costume dos poltrões;
Que se vende por dinheiro,
A troco de dez tostões?!

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

79 — LOGOGRIPOHO ACROSTICO POR LETTRAS

(OFFERECIDO AO SR. MATOS MOREIRA)

Zuito grato na verdade — 4, 2, 3, 1, 5, 10, 7, 8, 5, 13.

— todos causa prazer — 1, 3, 2, 6, 11, 12.

— todos gostam de comer — 7, 4, 3, 11, 10.

— todos veem na cidade — 7, 1, 11, 13.

— O que o leite pode dar — 11, 4, 12, 1.

— serve para descansar — 7, 1, 9, 4.

Queres agora o conceito
P'ro logogripho matar?
É com elle que eu respondo.
Meus leitores, é trabalhar.

Monchique.

CUNHA & C.^a

80 — PACIFENCIA

Marão — Suajo — Monté Brazil — Bussaco — Estrella — Caramulo — Picota — Foia — Cintra — Montesinho — Gerez — Arrabida — Caroeira — Montejuento — Caldeirão — Monchique — Marvão — Nogueira — Ossa — Gátes.

Tirar uma lettra a cada uma d'estas serras e com as lettras tiradas formar o nome de um distincto escriptor portuguez da actualidade.

Monchique

CUNHA & C.^a

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

63,

JANOTA
AJUDA
NOME
ODE
TA
A

64, Paremia — 65, Capacidade — 66, Escravina — 67, Calado — 68, Chicharo — 69,

S
TOM
TABOJA
SOBERBA
MORRO
ABA
A

70, Villa Viçosa — 71, Pata-roxa.